

**Gisela Creni, *Editores Artesanais Brasileiros*.
Belo Horizonte, Autêntica Editora, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2013,
160 páginas.**

A produção de livros no Brasil é, atualmente, uma indústria de números grandes: em 2012 foram impressos no país mais de 480 milhões de livros —algo em torno de 2,4 livros por habitante ao ano—.

Tendo se iniciado tardiamente, em 1808, a história da atividade de edição de livros no Brasil viveu momentos de especial crescimento nos anos 1920/1930 e 1950. Na primeira metade do século 20, o desenvolvimento de nossa indústria editorial se deu muito em função da figura de Monteiro Lobato que, entre outras façanhas modernizadoras, revolucionou a maneira de comercializar livros por aqui. Nos anos 1950, período do Pós-Guerra, devido a expansão do hábito de leitura durante a Segunda Guerra Mundial, a produção de livros no país conhece mais uma fase de crescimento.

Paralelamente e de certa forma em contraposição à crescente industrialização da atividade editorial encontram-se os editores artesanais estudados por Gisela Creni no livro *Editores Artesanais Brasileiros*.

Seis dos editores aqui estudados iniciaram suas atividades como na década de 1950 - apenas um, Cleber Teixeira, começou mais tarde, em 1965. Esses editores exerceram suas atividades no mundo da impressão fora do eixo Rio – São Paulo, local onde se encontravam os grandes editores.

Editores artesanais elaboram livros em um processo individualizado para cada texto – eles buscam construir a melhor representação gráfica para obra: o tipo mais adequado, o espaçamento mais pertinente, o melhor tamanho de volume. Essa atividade possibilita a forte presença, inclusive manual, do editor em cada etapa da produção. Intentam assim, de certa forma, retornar aos primórdios da produção gráfica.

O momento nascedouro da cópia tipográfica é uma referência para editores artesanais. Como disse Cleber Teixeira em entrevista a Gisela Creni: os editores artesanais buscam “a pureza dos primeiros tipógrafos” e têm como referência “as primeiras editoras, as primeiras gráficas do início da imprensa, quando o editor era também um tipógrafo” (p. 135). A referência é a produção por Johannes Gutenberg de cento e oitenta exemplares da Bíblia através da impressão por tipos móveis, por volta de 1450 na cidade de Mainz, Alemanha. Apesar de produzidos em série, os livros impressos até 1530 mantêm forte similitude com o livro manuscrito: os caracteres tipográficos imitam a caligrafia dos livros artesanais, enquanto iluminuras e títulos são realizados à mão, transformando em objeto único aquilo que foi impresso em série.

No presente volume, Gisela Creni, retrata a atuação de sete editores artesanais em oito casas editoriais:

João Cabral de Melo Neto - na editora O Livro Inconsútil em Barcelona (1947-1953);
Manuel Segalá - na Philobiblion no Rio de Janeiro (1954-1957);
Geir Campos - na Hipocampo em Niterói (1951-1953);

Thiago de Mello – também na Hipocampo em Niterói (1951-1953);
Pedro Moacir Maia – na Dinamene em Salvador (1950-1979)
Gastão de Hollanda - nas editoras O Gráfico Amador, Mini Graf e Fontana no Recife,
e, mais tarde, no Rio de Janeiro (1954-1984);
Cleber Teixeira na - Noa Noa em Florianópolis (1965- 2012).

Comentando as atividades desses editores, Carlos Drummond de Andrade, em texto aqui citado, salienta dois aspectos dessa produção artesanal: o primeiro é a presença, em cada livro, do conjunto das marcas do esforço individual e físico envolvidos em sua elaboração. Diz o poeta: “O livro de tiragem mínima (...) contribui para reintegrar o homem em sua dignidade, valorizando o artesanato na era da fabricação em milhões”, explicitando que o editor artesanal “concilia (...) a criação mental e o esforço físico, e nos oferece produtos que trazem a dupla marca de nossa condição”.

Outro aspecto destacado por Drummond é a materialidade específica desses livros. Acerca da editora Dinamene, o poeta faz uma observação que pode se aplicar ao conjunto dessas edições artesanais: “Se o poema é uma realização abstrata, uma exaltação de vapores, sua vestimenta física dá-lhe a concepção de objeto visitável. A leitura torna-se visual-tátil”. Nesse mesmo sentido, referindo-se ao editor Cleber Teixeira, o escritor Augusto de Campos, em texto citado por Creni, afirma: “ele é capaz de dar a um livro o mesmo tratamento que um poeta dá a um poema”.

Produzindo em tiragens pequenas, voltando-se prioritariamente para a poesia nacional, esses artesões buscam a melhor representação gráfica para cada texto. Diz Cleber Teixeira: “o que vou fazer é dar o melhor suporte para que aquela poesia surja”, complementando: “eu me preocupo em fazer da melhor maneira possível, escolhendo o tipo ideal, a melhor diagramação, o formato do livro e o melhor papel para impressão, e que tudo fique ideal para cada autor”.

A prosa e a poesia brasileira muito devem à atuação editorial desses artesãos e artistas gráficos, pois, como afirma a autora logo na abertura de seu livro: “os editores artesanais brasileiros tiveram fundamental importância na divulgação de novos autores nacionais, poetas estrangeiros e artistas plásticos a partir da década de 1950. Esse ofício de apaixonados tornou mais diversificada e rica a literatura no Brasil, assim como também contribuiu para elevar a qualidade das edições”.

O livro *Editores Artesanais Brasileiros* dedica um capítulo a cada editor estudado e ao final de cada capítulo há um levantamento dos títulos publicados pelas diversas casas editoriais. Uma história rica, um registro preciso e um resgate cuidadoso.

Sandra Reimão